

ENCONTRO COM SERGIO BUARQUE DE HOLANDA

Reportagem de PAULO DE CASTRO

EM FRENTE AO MAR

EM verdade o dia de Natal não é dos mais indicados para uma entrevista, mas Sérgio Buarque de Holanda podia regressar a São Paulo de um momento para o outro. Essa a razão por que nos encontramos hoje neste apartamento da rua Ronald de Carvalho, belo e generosamente voltado para o mar.

Antes de conversarmos sobre coisas efêmeras, contemplo a filhinha de Sérgio em que parece ter descido todo o encanto e formosura deste dia de Natal.

Para vir até aqui deixara outras crianças, todas elas impregnadas da mesma beleza inefável, todas elas parecendo dizer-me que são a imagem mais genuína deste dia, e recordar-me que alguém também foi criança e depois agonizou deixando atrás de si um rasto de luz que os homens não conseguiram inteiramente sombrear.

Nessa varanda em frente ao mar começamos um diálogo a que por vezes assiste a esposa do Sérgio, pontuando os intervalos da conversa com uns salgadinhos a primor e um uísque legítimo da legítima Escócia. E contrariando as melhores teorias sobre a irreversibilidade do tempo, voltamos aos começos do passado ano, para uma digressão pelo mundo da literatura.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Perguntamos a Sérgio Buarque de Holanda:

— Quais os contistas que lhe parece tenham produzido neste ano uma obra de valor perene?

— Em matéria de contos, a meu ver, tivemos o livro de Carlos Drummond de Andrade, "Contos de Aprendiz", que foi na realidade o livro de um mestre. No que respeita aos novos, Saldanha Coelho tentou uma renovação do género sem ter obtido grandes resultados. Sobre José Condé não poderei formular qualquer juízo crítico visto não ter lido ainda "Histórias da cidade morta". Em geral parece-me que no domínio do conto o ano de 1951 foi fraco.

NO DOMÍNIO DA POESIA

— Pode dizer-me alguma coisa sobre produção poética deste ano?

— E' no domínio da poesia que os novos têm dado maior contribuição. Embora haja uma publicidade exagerada, uma vontade de glória fácil, uma oposição virulenta a qualquer crítica ou observação. Isto é grave para o desenvolvimento espiritual dos novos, porque se julgam chegados a uma fase definitiva, o que é uma ilusão ou uma demissão. Talvez isto se deva em parte ao carácter introvertido das suas criações em contraste com o extrovertido do ano 30. Há nesses novos em geral, uma tonalidade constante de neurastenia e de dogmatismo, de absolutismo que os leva a caminhar fechados, a uma auto-suficiência, a um academismo. Toda a crítica lhes parece uma ofensa pessoal. Não querem crítica, querem elogios. Isto é uma

atitude bárbara, primordial, não lapidada.

Outro aspecto lamentável é a "crítica" afetiva, conseguida por meio de alguns noticiaristas de páginas literárias que por amizade, por espírito de "grupo" ou em troca de "menções honrosas" noutros suplementos, ou ainda de ser bem recebidos e exaltados nos cafés ou bares onde se reúnem, distribuem elogios fáceis sem qualquer consideração pelos leitores, nem pelo próprio Jornal em que escrevem. Muito naveria também a dizer sobre reportagens literárias. Mas seria longo e sobretudo seria ácido.

O GRUPO HIPOCAMPO

— Regresso a minha pergunta sobre a poesia. Pode dizer-me alguns valores?

— Mencionarei em primeiro lugar o grupo hipocampo, sobretudo Geir Campos e Thiago de Melo. Também João Cabral de Melo Neto e José Paulo Moreira da Fonseca. Em São Paulo, Pericles Eugênio da Silva Ramos. Dentro do grupo mais formalista parece-me representarem uma fase nova.

— E o grupo mineiro?

— É um grupo coeso. Quanto Rivera, que embora tenha sofrido muito a influência drummondiana e abuse um pouco dos clichés neo-modernistas é uma das pontes, e de valor, entre a nova geração e a anterior. E evidentemente Paulo Mendes evidentemente Paulo Mendes Campos, Wilson de Figueiredo e um poeta que coloco entre os primeiros da atual e anterior geração, Henriqueta Lisboa. Num momento em que os poetas se entregam a um delírio de publicidade, mesmo sem qualquer publicidade, mesmo sem qualquer publicidade e vivendo no interior Henriqueta Lisboa consegue pela grandeza espiritual não ser apagada. Embora não filiada a grupos gostaria de fazer uma referência a dona Maria a Saudade Cortezão e aos seus excelentes "Poemas", prêmio Fábio Prado.

— Quer falar particularmente sobre alguns poetas?

— Sim, em primeiro lugar sobre Américo Facó que, pela preocupação formal não me parece próxima dos poetas novos. Seu livro "Poesias Perdidas", merece ser lido com cuidado, pois é do melhor que se publicou neste ano. Passou despercebido, o que bem define uma época.

Também Edgard Braga mereceria uma larga referência. Dentro da linha clássica é dos que se me afiguram de maior merecimento.

— E dos novos, quer fazer alguma menção especial?

— Não propriamente especial se isso pudesse ser entendido como implicando um juízo de valor. Mas gostaria de dizer a um poeta que estimo uma palavra de afetiva advertência. Ledo Ivo possui um inegável virtuosismo, uma facilidade ou habilidade em realizar o que propõe e isto não apenas na poesia. Mas o que está em causa é o que se propõe, pois a continuar assim tudo indica que se entregue à dispersão total. Há necessidade de uma experiência interior ama-



Sérgio Buarque de Holanda

durada, de uma cultura meditada, bem como de uma certa sobriedade perante o mundo exterior. Se não mudar de atitude, acabará num academismo da vertigem, do delírio.

Porque o prezo, lhe transmito este reparo amigo, em que a ideia essencial é ajudá-lo e não outra de menos nobre intenção. Tenho o seu último livro "Linguagem" como um dos primeiros a mencionar numa das minhas notulas críticas. Apesar de gostar muito de o ler, gostaria ainda mais de não me ocupar de Ledo Ivo durante algum tempo. Creio ter dito o essencial do que penso sobre este valor da nova geração.

NO DOMÍNIO DO ROMANCE

— E no domínio do romance?

— Neste domínio o grande movimento dos últimos anos de sentido regionalista parece-me esgotar. E não vejo nada que o substituisse.

Neste ano houve um único romance de cunho superior, o "Retrato" de Erico Veríssimo sobre o qual aliás não desejaria pelo momento adiantar mais, pois ainda não terminei a sua leitura. Contudo Erico Veríssimo como todos sabem, não é um novo, é um autor de reputação firmada, tendo revelado uma capacidade de criação de grande estilo desde há muito. Nos últimos dias saiu o livro de Gustavo Corção que me dizem ser de raro valor. Não o pude ler ainda. De todas as formas um romance só por si não modifica o balanço de um ano. Donde se conclui que é ainda no domínio da poesia que se tenta alguma coisa de pujante no Brasil.

HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

— E no domínio da História e Ciências Sociais?

— O que tivemos foi a reedição do livro de Gilberto Freyre "Sobrados e Mocambos", que apesar de todas as restrições que se possam fazer é um trabalho de valor inegável.

Fora disso há os estudos universitários como os de Alice Pif-

fer Canabrava que me parece ser uma das vocações do Brasil para o estudo e pesquisa histórica. Já publicou: "Comércio português com o Rio da Prata nos séculos XVI e XVII", estudos sobre "O açúcar no século XVIII", e neste ano a tese sobre "A cultura do algodão em São Paulo entre 1861 e 1875". São do mais sério feito no Brasil. Como de costume: menos conhecida do que o seu valor indicaria.

A "REVISTA DA HISTÓRIA"

Não poderei esquecer, prossegue Sérgio Buarque de Holanda, o grupo da "Revista da História" que se publica em São Paulo, e que tem mantido um alto nível intelectual em todos os estudos publicados.

ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA

No domínio da Antropologia e da Sociologia desejaria citar os trabalhos de Florestan Fernandes, Egon Schaden, Gioconda Mussolini e Gilda Melo e Souza, publicados na revista "Sociologia", que é o órgão da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, e também na "Revista do Museu Paulista". Estes estudos foram estimulados pela presença de professores estrangeiros como Gagé, Fernand Brodel, Baldus, Emilio Wilhelms, Donald Pearson, Roger Bastide e outros.

FILOSOFIA

— E quanto à Filosofia?

— Há um movimento de grande curiosidade pelos estudos filosóficos no Brasil. Em São Paulo publica-se a "Revista de Filosofia" que é a continuação do Congresso de Filosofia do ano passado. Tem altos e baixos, tal como esse Congresso. As atividades dessa revista e sobretudo essa curiosidade geral pelos debates e problemas filosóficos dão-nos a esperança de no próximo ano alguma coisa de mais positivo podermos dizer neste domínio.

CRÍTICA

— E na crítica?

— Vai sair um trabalho de Antonio Candido, a maior vocação de crítico do Brasil. Esse trabalho é a "História da Literatura Brasileira".

Por isso mesmo este ano esteve silencioso. Essa a razão por que nós aparecemos tanto — sublinha Sérgio com um sorriso de bonomia.

Antonio Candido, sem querer, envergonha aos mais velhos, conclui Sérgio Buarque de Holanda, com o mesmo sorriso e a modéstia de sempre.

ALVARO LINS E SERGIO MILLIET

— E Alvaro Lins e Sergio Milliet?

— Soube a boa nova, de que Alvaro Lins vai regressar à crítica assídua. Isto é excelente, pois pelo seu valor e experiência será muito útil aos autores que ficarão sob a sua vigilância e amparo, e aos outros críticos que se sentem um pouco sós em

face de uma geração que necessita de alguém como Alvaro Lins, que lhe diga o que sem demora se impõe no seu interesse e do futuro cultural do país.

Quanto a Sergio Milliet neste ano saiu mais um volume da série do jornal de crítica. Sergio Milliet é o único crítico que tem exercido a sua atividade de uma forma ininterrupta. A literatura e sobretudo os novos muito lhe devem e ninguém poderá escrever sobre a história literária do Brasil sem consultá-lo. É um repositório único no que respeita à sequência e valor intrínseco.

A MAIOR DIFICULDADE DA CRÍTICA

— Qual a seu ver a maior dificuldade da crítica no Brasil?

— A falta de livros a criticar. Entenda-se: quando digo livros refiro-me aos que possuam um elevado teor espiritual.

JUIZO SOBRE O ANO LITERÁRIO

— Quer formular, como fecho da entrevista, um juízo sobre o ano literário de 1951?

— Com o risco de enfurecer muita gente, principalmente da nova geração, que não tolera viver senão numa atmosfera de euforia, esperando tacitamente partilhar um pouco das glórias atribuídas ao ano literário, devo dizer-lhe que no seu conjunto 1951 foi um ano fraco.

Despedimo-nos de Sérgio Buarque de Holanda, não sem pensarmos um pouco na severidade dos seus juízos.